REPRESENTAÇÃO ANIMAL NA SÉRIE DE *HARRY POTTER*: NOTAS SOBRE FOFO, CENTAURO, DRAGÃO E UNICÓRNIO[1]

ANIMAL REPRESENTATION IN HARRY POTTER SERIES: NOTES ON FLUFFY, CENTAUR, DRAGON AND UNICORN

Catarina Zica Koch (UEG)[2]

Edilson Alves de Souza (UFG)[3]

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de analisar a representação animal na série *Harry Potter*, de J. K. Rowling. Ao longo da história, o homem desenvolveu diferentes formas de relação com a natureza e com os seres não humanos. Uma delas está fundamentada no simbolismo animal, que alimentou uma vasta tradição literária que permeou diversas culturas. Os livros *Harry Potter* dão continuidade a essa tendência por meio de um intricado diálogo que converge distintos sistemas de simbolização, como aqueles concernentes a mitologia greco-romana. É diante disso que propomos uma leitura do dialogismo intercultural presente na referida obra de Rowling.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Representação animal. Harry Potter.

Abstract: This article aims to analyze the animal representation in the *Harry Potter* series, by J. K. Rowling. Throughout history, man has developed different forms of relationship with nature and with non-human beings. One of them is based on animal symbolism, which fueled a vast literary tradition that permeated different cultures. The *Harry Potter* books continue this trend through an intricate dialogue that converges different symbolization systems, such as those concerning Greco-Roman mythology. It is in light of this that we propose a reading of intercultural dialogism in Rowling's work.

KEYWORDS: Literature. Animal representation. Harry Potter.

[1] Uma versão desse trabalho foi apresentada no III SIMTRADI - Simpósio de Tradução e Interpretação, organizado e realizado pela Universidade Federal de Goiás, sob título "Animais fantásticos (e nem tanto) nas versões literária e cinematográfica da série de *Harry Potter*".

[2] Graduada em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Atualmente, cursa Administração no UNIGRAN - Centro Universitário da Grande Dourados. Em suas pesquisas, tem se concentrado na área de Estudos Literários, com particular interesse nos seguintes temas: Literatura infantil e Juvenil; Harry Potter; Mitologia; e Simbolismo Animal.

[3] Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Campos Belos; Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Campos Elíseos; Mestre e Doutor em Letras e Linguística (Estudo Literários) pela Universidade Federal de Goiás (UFG) - Campus Goiânia. Atualmente, é professor substituto da área de Teoria, Crítica e Ensino de Literatura na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (Campus Samambaia - Regional Goiânia). Também faz parte do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP. Em seus estudos acadêmicos, tem atuado na área de Literatura e Teoria Literária, dando ênfase nos seguintes temas: Bestiário Medieval e Sete Pecados Capitais; literatura infantil/juvenil; narrativas feéricas; Relações mitológicas nos contos de Marina Colasanti; e Metaficção.

Introdução

A intenção desse trabalho é realizar uma leitura do dialogismo intercultural presente na (re)atualização de animais (fantásticos) na série de romances *Harry Potter*, de Joanne Rowling (ou J. K. Rowling, como a autora assina seus escritos).

A série *Harry Potter* agrupa sete volumes: *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000a), *Harry Potter e a Câmara Secreta* (2000b), *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkabam* (2000c), *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2001), *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003), *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2005) e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007). Os livros tiveram uma ótima vendagem e, pouco tempo depois do lançamento, ganharam sua versão fílmica, que também foi sucesso de público. Tanto na produção livresca quanto na cinematográfica, a série é conhecida por reatualizar, no mundo moderno, a presença dos bruxos, dos seres monstruosos e do mistério, dentro de um universo aventuresco juvenil vivenciado por Harry Potter (o protagonista) e seus amigos Rony Weasley e Hermione Granger.

Por meio dos animais/monstros fantásticos retomados pelos textos de Rowling, é possível verificar a gama de culturas que se mesclam e interagem dentro de um mesmo espaço narrativo. Tal detalhe chama a atenção, pois, diante das múltiplas formas de relação que homem pode estabelecer com outros animais (inclusive os imaginários), a representação artística, e, nesse caso, a literária, parece ser o meio de comunicação e expressão simbólica humana que melhor converge esse conteúdo – que pertence não somente a culturas diferentes, mas também a épocas distintas.

Diante disso, com vista para o nosso objetivo, estabelecemos como recorte deste artigo o estudo das quatro seguintes personagens-criaturas: Fofo, Centauro, Dragão e Unicórnio, que serão analisados por meio de uma aproximação que busca evidenciar semelhanças e dessemelhantes entre estas e àquelas criaturas, oriundas de outras culturas, que lhes são precedentes. Ressaltamos que, conforme conveniência da análise, elementos da versão fílmica da série *Harry Potter* poderão ser retomados.

O homem e os (outros) animais

O contato com os animais faz parte da experiência do homem desde que ele tem consciência de sua existência. Há milênios, antes das grandes cidades se

consolidarem e do contato com os animais se tornar um evento quase exótico (como se percebe nos Zoológicos), a noção de que os seres humanos e os não humanos comporiam uma espécie de harmonia cósmica criada por um ser divino, – como narrado no início de Bereshit (בראשית), primeira parte da *Torá*, que corresponde ao Gênesis da *Bíblia* cristã –, era uma tese de compreensão da realidade bastante vivaz. Isso muito se devia à maneira como a proximidade e o mutualismo entre o homem e a natureza, entre o homem e os (outros) animais, proporcionavam uma experiência de autoconhecimento pela qual ele estabelecia distinções, classificações e hierarquias entre seres vivos.

Talvez pressionadas pela forma de organização da urbanidade do cotidiano das megalópoles, hoje, essa proximidade foi consideravelmente reduzida e as pessoas se acostumaram à frieza das relações e, por essa razão, desenvolveram sensibilidades que, em muito, influem na maneira como os animais são vistos dentro desse contexto – realidade que é dissonante àquela encontrada na maioria das cidadelas, povoados ou comunidades agropastoris, que, geralmente, possuem uma topografia e uma estrutura social que favorecem um afeto diferente para com o que é natural.

Para compreender isso, é importante que não se desconsidere o fato de que as modernas transformações que aconteceram no tecido social de muitas sociedades geraram um impacto significativo nas formas de relacionamento entre o homem e natureza. Como esta é explorada por aquele e a maneira como ela o responde diante de seus excessos diversificaram-se e influenciaram o modo como ele percebe a realidade a sua volta e como se vê nela. Se bem recordarmos, há algumas centenas de milênios, o homem era praticante do nomadismo, tinha a caça de animais e coleta de vegetais como sua fonte de sobrevivência e, em muitos casos, vivia em sociedades tribais (ROBBINS, 2009, p. 39-40). À medida que foi desenvolvendo habilidades e tecnologias, pôde também domesticar plantas e animais e, com isso, criar condições que o encaminharam para um progressivo abandono de um modo de vida mais selvagem e para a constituição das sociedades hodiernas, que muito se caracterizam pela abundância de recursos, como aqueles de natureza alimentícia (ROBBINS, 2009, p. 39-40)

– não obstante, é claro, podermos verificar que essa abastança não se concretiza da mesma forma entre as nações. Fato é que, se antes se tinha um contato mais direto com a natureza, podemos dizer que, na atualidade, numa situação completamente diversa, há distintas mediações que filtram o olhar que o homem pode lançar para fora de si em direção ao mundo natural. A modernidade das colunas e vigas de concreto, a artificialidade das praças e dos parques arborizados planejados e o entretenimento proporcionado em zoológicos ou safáris – entre outras maneiras de se tirar proveito dos (recursos?) minerais, vegetais e animais –, muitas vezes, filtram, objetificam ou coisificam os possíveis contatos com o ambiente natural.

Com tais observações não pretendemos criar nenhum falso dualismo (como antigo/moderno ou cidade/natureza ou citadino/rural) ou mesmo mobilizar algum tipo de anacronismo que empreenda uma leitura do tempo presente sob égide do saudosismo. A intenção é ressaltar que a relação que o homem estabelece com a natureza, de modo especial com os animais, já não é a mesma de outras épocas; ela tem ganhado outro *status* com a instalação progressiva (e talvez irreversível) das sociedades modernas e, em razão disso, afetado e alterado a percepção e a reflexão que ele, o homem, faria sobre o ambiente sócio-histórico-cultural que o circunda.

As mudanças são parte das constantes que acompanham o processo de desenvolvimento da humanidade. Elas são uma evidência de que o homem é dinâmico e de que ele projeta essa dinamicidade no contexto em que está situado e nas formas de produção simbólica que lhe são possíveis dentro do conjunto de condições particulares que constituem seu ambiente cultural. Por essa razão, seria correto afirmar que os hábitos, os comportamentos se convencionam, se legitimam e podem ser objeto de alteração de acordo com os condicionantes históricos. Isso pode ficar evidente nos modos diversificados de inserção dos animais no cotidiano da vida social. Os animais foram (e continuam sendo) fonte de alimento, de proteínas e outros nutrientes, para os humanos. Igualmente, foram (e continuam sendo) usados para confecção de roupas, tapetes, acessórios, além de serem tratados como materiais de trabalho, como no caso dos bovinos utilizados para aragem da terra e dos

equinos para transporte de pessoas, objetos e mantimentos. Essas funções animais, na sua maioria, estão relacionadas ao fornecimento de proventos essenciais à sobrevivência, e, a depender (dos costumes) de cada época, ganham maior ou menor ênfase, ou se tornam práticas obsoletas.

Porém, é importante ressaltar que a relação entre o homem e os animais não se restringiu ao pragmatismo das necessidades biofísicas mais imediatas. Ela também influiu na e fez parte da constituição dos bens imateriais. Uma maneira de se perceber isso é olhar para a forma como o homem, ao longo da história, comunica sua experiência no mundo através da representação artística do animal – e, aqui, damos especial ênfase naquela representação concretizada por meio da *mimesis* literária. Assim, temos, a título de exemplo: os mitos e as fábulas, na antiguidade greco-romana; os Fisiólogos e os Bestiários, no período medieval; os contos de fadas, nos primeiros séculos da Era Moderna; e, na contemporaneidade, a literatura (entre outras) da série *Harry Potter*, que, em conjunto, não só são possiblidades nas quais a representação simbólica do animal figura como parte das estratégias discursivas do texto literário, mas também são um indispensável tópico que favorece a compreensão, material e espiritual, das sociedades em que estão inseridos.

Essas formas de expressão literária são, igualmente, testemunhos de que, mesmo com as transformações socioculturais constantemente provocadas (ou não) pelo homem, algo parece permanecer: a capacidade e a necessidade de simbolizar. Sobre esse assunto, Carl G. Jung, em "Chegando ao inconsciente", destaca alguns elementos dessa capacidade humana, afirmando que "[o] homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja comunicar. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens não estritamente descritivos" (p. 18). Para Jung (2008, p. 18-19), sinais e símbolos têm acepções distintas: enquanto aqueles "servem apenas para indicar os objetos a que estão ligados", estes, por sua vez, distanciando-se dos limites conceituais da razão, indicam "alguma coisa além de seu significado manifesto e imediato". Contudo, independente das nuanças presentes nesses termos atribuídas a eles por Jung (2008), ambas são manifestações do desejo de comunicar e demarcam a necessidade de

representação, de simbolização inerente ao homem.

Valendo-se dos sistemas simbólicos disponíveis (ou forjando um novo), o homem toma a representação como caminho para a transfiguração da realidade, tentando compreendê-la, e para a construção de significados, buscando o sentido da própria existência. A arte, nesse percurso, o auxilia a entender e interpretar o mundo a sua volta inscrevendo-se na cultura por meio de códigos, signos que se (re)arranjam em uma linguagem impregnada de elementos do imaginário. Nesse contexto, os animais constituem-se figuras, recursos do discurso da representação e têm, pela força da criação estética, sua natureza e função estendidos e, ao mesmo tempo, subvertidos para dar conta da dupla face de um mesmo movimento realizado pelo homem que, consciente de si e da sua existência, busca se compreender à medida que compreende e atribui sentido ao que está fora de si.

É diante disso que reafirmamos que o contato com os animais faz parte da experiência do homem desde que ele tem consciência de sua existência. Os animais, ou as criaturas monstruosas e fantásticas como as que estão presente na série *Harry Potter*, comparecem na história humana e são decisivos na dinâmica que a constitui. Por isso, em diferentes épocas, esses seres permeiam o imaginário humano e suas produções. Fofo, Centauro, Dragão e Unicórnio, personagens da referida série, são exemplos de uma vasta tradição literária intercultural cujas raízes estão fincadas em tempos imemoriais. Alguns registros de parte dessa tradição sobreviveram à força das Eras e, hoje, nos é permitido conhecê-los e, a partir deles, estabelecer aproximações entre o que foi e o que é a representação animal, como é nosso objetivo neste artigo e como o faremos, sem mais delongas, nas seções a seguir.

Fofo (Cérbero)

Fofo é o nome dado ao cachorro gigante de três cabeças que aparece no primeiro livro da série, *Harry Potter e a pedra filosofal*. Essa criatura é descrita no momento em que Harry e seus amigos (Rony Weasley e Hermione Granger) a encontram depois de terem conseguido destrancar uma porta na ala proibida da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts:

> Estavam encarando os olhos de um cachorro monstruoso, um cachorro que ocupava todo o espaço entre o teto e o piso. **Tinha três cabeças**. Três pares de olhos que giravam

> enlouquecidos; três narizes, que franziam e estremeciam farejando-os; três bocas babosas, a saliva escorrendo em cordões viscosos das presas amarelas (ROWLING, 2000a, p. 141, grifos nossos).

Na obra, a criatura é o primeiro obstáculo para se conseguir chegar a Pedra Filosofal. Tanto Harry Potter e seus amigos como o professor Quirrel (hospedeiro do bruxo das trevas Voldemort, que deseja possuir a pedra) conseguem passar pela criatura através da música de uma harpa que é tocada por meio de magia e faz o cachorro adormecer.

Figura 1. Cena do filme *Harry Potter e a pedra filosofal*.

Fonte: (REVENSON, 2015, p. 138).

Esse animal monstruoso muito se assemelha ao Cérbero da mitologia greco-romana, tanto na descrição do livro de Rowling como na fotografia da versão fílmica (Figura 1) que recebeu. Segundo Pierre Grimal (2005, p. 83),

> Cérbero é um dos monstros que guardavam o reino dos mortos: impedia que os vivos lá entrassem e, sobretudo, que alguém de lá saísse. A imagem mais corrente que dele se dava era a seguinte: três cabeças de cão, cauda formada por uma serpente e, no dorso, uma multidão de cabeças de serpente levantadas. Também se afirma que tinha cinquenta ou, até cem cabeças. Estava acorrentado diante da porta do inferno e aterrorizava as almas no momento em que lá entravam.

Junito de Souza Brandão (2009, p. 255) nos apresenta uma caracterização do Cérbero muito próxima da de Grimal:

> Cérbero é o cão de Hades, um dos monstros que guardavam o império dos mortos e lhe interditava a entrada aos vivos, mas, acima de tudo, se entrassem, impedia-lhes a saída. Segundo Hesíodo, o guardião infernal tinha cinquenta cabeças e voz de bronze. A imagem clássica, porém, o apresenta como dotado de três cabeças, cauda de Dragão, pescoço e dorso eriçados de serpentes.

A partir da descrição de Grimal (2005) e Brandão (2009), é possível notar algumas convergências entre o animal mitológico e aquele da saga *Harry Potter*, entre as quais assinalamos a função de guardião e a presença de três cabeças. Luiz Antônio Aguiar (2007, p. 41) complementa, dizendo que Cérbero era filho de "Équina, metade mulher, metade víbora, conhecida como aquela da qual ninguém pode se aproximar, e o medonho gigante de cem cabeças Tifão,

que quase derrotou Zeus, ainda na criação do mundo". A monstruosidade e a periculosidade de Fofo destacadas em *Harry Potter e a pedra filosofal* também ganham especial destaque na figura de Cérbero. Nessa direção, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2012, p. 221-222, grifo dos autores) informam que Cérbero, o "*Cão de Hades*, simboliza o **terror da morte** entre aqueles que temem os infernos. Mais ainda, simboliza os **próprios infernos** e o inferno interior de cada ser humano". Dois foram os que enfrentaram essa criatura e tiveram a sorte de a vencerem: Héracles (Hércules), com sua super força, e Orfeu, com o som de sua Lira (BRANDÃO, 2009, p. 256). Este último aponta para uma provável raiz da ideia de uma "harpa mágica" como recurso usado por Harry Potter e seus amigos para acalmar Fofo.

Assim, vemos Fofo e Cérbero se aproximarem na aparência física, pois ambos têm três cabeças; no comportamento, pois são criaturas que protegem algo (a Pedra filosofal e os infernos, respectivamente); e, por fim, no fato de ambos terem a música, que os leva a adormecer, como ponto fraco.

O Centauro

O centauro (Figura 2) ou, melhor dizendo, os centauros, não obstante também aparecerem em outros volumes da saga *Harry Potter*, têm uma participação maior no livro *Harry Potter e a pedra filosofal*. Neste, comparece o centauro Ronan, que se recebe a seguinte descrição: "[...] até a cintura, um homem, com cabelos e barba vermelhos, mas da cintura para baixo era um luzidio cavalo castanho com uma cauda longa e avermelhada" (ROWLING, 2000a, p. 217).

Figura 2. O centauro Agouro, por Adam Brockbank, para *Harry Potter e a ordem da fênix*

Fonte: (REVENSON, 2015, p. 14).

De acordo com Newt Scamander, em *Animais fantásticos e onde habitam*[4], o

[4] Esse livro é uma obra que faz parte de universo mágico da série *Harry Potter* – é um dos volumes da biblioteca de Hogwarts. Ele descreve diversos animais fantásticos que aparecem, ou não, nos 7 livros que compõem a série. Foi escrito por J. K. Rowling, mas recebeu a autoria ficcional de

centauro é classificado como um animal perigoso que exige conhecimento especializado. Assim sendo, complementa, detalhando alguns aspectos desse animal relacionados aos livros *Harry Potter*:

> O centauro tem cabeça, tronco e braços humanos ligados a um corpo de cavalo cujo colorido varia. Inteligente e dotado de fala humana, a rigor, não deveria ser chamado de animal, mas a seu próprio pedido foi assim classificado pelo Ministério da Magia.
> O centauro habita a floresta. Acredita-se que ele teve origem na Grécia, embora haja atualmente comunidades desses animais em várias partes da Europa. As autoridades bruxas em cada país em que há centauros destinaram a eles áreas em que não serão incomodados pelos trouxas; porém, eles não têm grande necessidade da proteção bruxa, pois contam com recursos próprios para se esconder dos humanos.
> O modo de vida do centauro é envolto em mistério. Geralmente, eles têm tanta desconfiança de bruxos quanto de trouxas e, na realidade, parecem não fazer grande diferença entre os dois. Vivem em rebanhos que reúnem de dez a cinquenta membros e gozam da reputação de entender a cura mágica, adivinhação, manejo do arco e astronomia (SCAMANDER, 2017, p. 11-12).

Na mitologia greco-romana, segundo Baby Siqueira Abrão (2016, p. 70-71), os centauros na "parte superior do corpo tinha a forma humana, mas a inferior tinha a aparência de um cavalo", aspecto físico que é bastante semelhante ao do livro de Rowling (2000a) e Scamander (2017). Ainda conforme Abrão (2016, p. 70-71), eles eram

> [s]elvagens, comiam carne crua e viviam nas florestas e nas montanhas. Apenas dois deles eram diferentes, bons, educados e pacíficos: Quíron e Folo. Durante a caçada do javali de Erímanto, Héracles atirou, sem querer, uma flecha em Quíron. O ferimento não fechou e causava dores insuportáveis. O centauro quis abandonar a imortalidade para morrer e se livrar do sofrimento. Atingiu esse objetivo quando deu sua imortalidade a Prometeu em troca da condição de mortal dele. Com isso, finalmente conseguiu morrer e ficar livre do sofrimento.

A violência, o agir silvícola e os comportamentos afins parecem predominar como características desse animal. Vladimir Acosta (1995, p. 71, tradução nossa) aponta duas possíveis formas de origem dessa criatura e, de certa forma, indica a raiz dessas

Newt Scamander. Na ficha catalográfica da referida obra, a autoria "real" é atribuída a Newt Scamander, não obstante os direitos autorais estarem no nome de Rowling. Mesmo sendo um livro ficcional, em seu conteúdo e autoria, ele reforça o mundo imaginário de Harry Potter e corrobora a representação animal que nos interessa. Por isso, respeitando a configuração da obra e a relevância que ela tem, durante o nosso trabalho, a Newt Scamander também atribuiremos a autoria.

atribuições negativas: a) "[...] a origem destes [animais] híbridos entre os antigos gregos era associada aos tessálios, montanheses semi-selvagens, grandes perseguidores de touros a cavalo"[5]; e, conforme cultura clássica, b) "os centauros são filhos de Ixión e de uma nuvem semelhante a Hera, a qual fora enviada por Zeus para confundi-lo na hora certa, quando o agressivo Ixión estava a ponto de violar a sua mulher"[6]. Acosta (1995, p. 71, tradução nossa) também reforça o temperamento bravio, mas chamando a atenção para outro caminho de caracterização:

> Os centauros gregos, sempre são associados a histórias de violência e de rapto de mulheres, eles eram normalmente descritos como seres selvagens, violentos, comedores de carne crua, raptores de mulheres; [...] No entanto, essas são as características habituais dos centauros, também a mitologia grega fala de outro ramo deles, que neste caso são bons e sábios, que os centauros são descendentes de Filira e de Cronos, representados por Quirón, mestre de Aquiles[7].

Nesse trecho, Acosta (1995) afirma que existem dois tipos conhecidos de temperamento dos centauros: um violento, pois raptam as mulheres e comem carne crua, e outro, como o Quíron, conhecido pela bondade e sabedoria. As observações do autor são importantes pelo fato de robustecerem o argumento da natureza dupla desse animal e possibilitarem uma harmonia entre as descrições que encontramos na mitologia e na saga *Harry Potter*.

Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 219), por sua vez, corroboram as descrições anteriores, destacando que os centauros vivem com suas fêmeas nas florestas e montanhas, alimentando-se de carne crua. Os autores ressaltam que "[n]as obras de arte, o rosto dos Centauros traz geralmente a marca da tristeza. Eles simbolizam a concupiscência carnal, com todas as suas brutais violências, e que torna o homem semelhante às bestas quando não é equilibrada pela força

[5] Lê-se no original: *En la cultura grega, [...] pues el origen de estos híbridos entre los antigos griegos era associado a los tesallos, montanheses semi-selvajes, grandes perseguidores de toros a caballo.*

[6] Lê-se no original: *[...]los centauros son hijos de Ixión y de uma nube semejante a Hera, la cual le fuera enviada a aquél por Zeus para confundirlo en el momento justo, cuando el agressivo Ixión estaba a punto de violar a su mujer.*

[7] Lê-se no original: [...] *Los centauros griegos, siempre associados a historias de violencia y de rapto de mujeres, eran de ordinário descritos como seres salvajes, violentos, comedores de carne cruda, raptores de mujeres; [...] No obstante ser esos los rasgos usuales de los centauros, también la mitologia griega habla de outra rama de ellos, en este caso buena y sabia, que son los centauros descendientes de Filira y de Cronos, representados correntemente por Quirón, maestro de Aquiles el Peleida.*

espiritual" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 219). Talvez seja esta acepção que despertou o interesse do homem medieval por essa criatura e a fez comparecer na iconografia religiosa mediévica (Figura 3).

Figura 3. Centauro

Fonte: Bibliothèque Nationale de France, lat. 14429, Folio 116v. Disponível em: http://bestiary.ca/beasts/beast384.htm. Acesso em: 30 nov. 2021.

Santo Isidoro de Sevilha, ainda na Idade Média, no seu *Etimologias* (XI, 3, 37, grifo do autor e tradução nossa), tratando da relação entre o homem e os seres prodigiosos, destaca:

> O aspecto que o *Centauro* oferece é indicado pelo seu próprio nome: é uma mistura de homem e cavalo. Segundo alguns, eram os soldados de cavalaria dos tessálios, que eram tão velozes na guerra que davam a impressão de que cavaleiro e montaria formavam um só corpo, e daí surgiu, segundo dizem, a ficção dos centauros[8].

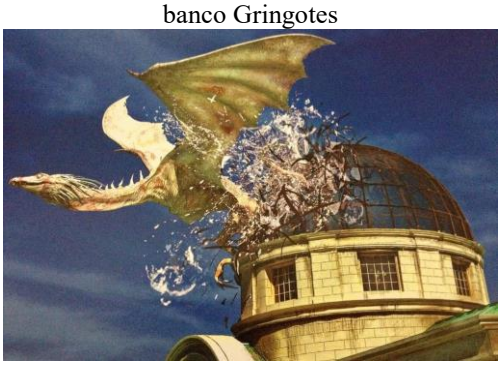
Comparando a maneira que Rowling e as outras tradições de representação animal delineiam o Centauro, verificamos que seu aspecto físico (metade humano e metade cavalo) possui grande relevo. Aliás, se bem observarmos, as descrições acima apontam, de maneira geral, para uma proximidade entre elas que pode revelar certa continuidade (histórica) na caracterização e no simbolismo desse animal. Entretanto, a inteligência a ele atribuída por Scamander (2017, p. 11) faz com que os centauros na série *Harry Potter* se assemelhem mais aos centauros descendentes de Quíron, que são sábios habitantes de florestas – não obstante terem sua dieta omitida por Rowling (SCAMANDER, 2017, p. 11). Cremos que essa omissão reforça a natureza pouco social e a ideia de mistério associadas a essa figura em *Harry Potter e a pedra filosofal* e nos outros livros em que comparece.

O Dragão

[8] Lê-se no original: *El aspecto que oferece el* Centauro *es indicado por su nombre mismo: es una mazcla de hombre y caballo. Según algunos, se trataba de os soldados de caballería de los tesalios, que eran tan veloces em la guerra que daban la impressión de que jinete y montura formaban un solo cuerpo, y de aqui surgió, según aseguran, la ficcion de los centauros*.

O dragão é uma das criaturas que mais aparecem nos livros *Harry Potter*: em *Harry Potter e a pedra filosofal*, temos o filhote Noberto; em *Harry Potter e o cálice de fogo*, as quatros espécies de dragões para o torneio Tribuxo; e, em *Harry Potter e as relíquias da morte*, o dragão que protege o banco Gringotes (Figura 4).

Figura 4. O Dragão fugindo do cativeiro do banco Gringotes



Fonte: (REVENSON, 2015, p. 81).

Em *Harry Potter e a pedra filosofal*, o filhote de dragão denominado de Norberto come ratos e bebe conhaque com sangue de galinha. Quando ainda está no ovo, deve ser mantido na chama. Em *Harry Potter e o cálice de fogo*, o animal é descrito da seguinte forma:

> Quatro dragões adultos, enormes, de aspecto feroz empinavam-se nas patas traseiras, dentro de um cercado feito com grossas pranchas de madeira, rugindo e bufando torrentes de fogo que erguiam 15 metros para o céu escuro de suas bocas abertas e cheias de dentes, no alto de pescoços esticados. Havia um azul prateado com chifres longos e pontiagudos, que rosnava para os buxos no chão e tentava mordê-los; outro de escamas lisas e verdes, que se contorcia e batia as patas com toda a força; um vermelho com uma estranha franja de belas pontas de ouro ao redor do focinho, que soprava para o ar nuvens de fogo em forma de cogumelo, e um último negro e gigantesco, mais parecido com um lagarto do que os demais, que era o mais próximo (ROWLING, 2001, p. 260-261).

E em *Harry Potter e as relíquias da morte*, de maneira muito parecida, são destacados aspectos semelhantes, como o tamanho, a textura escamosa da "pele" (da couraça), a imponência, a presença do fogo e capacidade destruidora desse animal:

> Um dragão gigantesco achava-se acorrentado no chão à frente, barrando o acesso a quatro ou cinco dos cofres mais profundos do banco. As escamas do animal tinham se tornado pálidas e flocosas durante a longa prisão subterrânea; seus olhos estavam rosa-leitoso: as duas patas traseiras tinham pesadas argolas das quais saíam correntes ancoradas em enormes estacas enterradas no solo rochoso. Suas grandes asas, espiculadas e fechadas junto ao corpo, teriam enchido a câmara se ele as abrisse, e quando virou a feia cabeça para eles, rugiu com um estrondo que fez a rocha tremer escancarou a boca e cuspiu um jato de fogo (ROWLING, 2007, p. 417).

Scamander (2017, p. 17), definindo as características gerais do dragão de acordo como é concebido na série *Harry Potter*, aponta que: "mata bruxos/ impossível treinar ou domesticar". Além disso, destaca-o como um dos seres animais mais conhecidos mundialmente e que "a fêmea é em geral maior e mais agressiva do que o macho, embora ninguém deva se aproximar de nenhum dos dois, exceto os bruxos com aptidão e treinamento excepcionais" (SCAMANDER, 2017, p 17). Outro dado interessante é que o "couro, o sangue, o coração, o fígado e o chifre do dragão têm grandes propriedades mágicas, mas seus ovos são considerados Artigos Não Comerciáveis" (SCAMANDER, 2017, p 17). Acosta (1995, p. 237, tradução nossa), retomando aspectos da zoologia de figuras pré-históricas, que, em muito, se aproximam das descrições acima feitas, afirma:

> O dragão clássico poderia ser descrito como uma gigantesca besta de características reptilianas não muito distintas dos que caracterizam os dinossauros ou os grandes lagartos do Mesozoico: quadrúpede; escamoso; de corpo enorme e pesado; de pescoço longo terminando em uma cabeça dotada de uma boca capaz de emitir fogo e carbonizar qualquer coisa a vários metros de distância; provido de uma crista áspera como um estegossauro e uma cauda longa capaz de movimentos rápidos, que é sua principal e mais mortífera arma[9].

Essas descrições dialogam com muitas tradições culturais. Uma delas é a judaico-cristã, que recorreu à simbologia desse animal em referências que encontramos em livros da Torá hebraica e da *Bíblia* cristã. Esta segunda, por sua vez, influenciou a sociedade e o que era produzido no período medieval, de modo especial a arte presente nos livros bestiários (SOUZA, 2014), ou a partir deles, como se observa no entalhe em madeira, do século XIV, na Figura 5.

Figura 5. Um dragão com quatro pés e asas de morcego

[9] Lê-se no original: *[...] el dragon clásico podría ser deserito como una gigantesca bestia de rasgos reptilescos no muy distintos de los que caracterizaban a los dinosaurios o grandes lagartos del Mesozoico: cuadrúpedo; eseamoso; de enorme y pesado cuerpo; de largo cuello terminado en una cabeza dotada de una boca capaz de emitir fuego y de carbonizar cualquier cosa a varios metros de distanela; provisto de una àspera cresta como de estegosaurio y de una larga cola capaz de rápidos movimentos que es su arma principal y más mortífera.*

Fonte: *Wood Carvings in English Churches: Misericords* (p. 59)/ Cartmel Priory, Cartmel, Inglaterra (ca. sec. XIV).[10]

Os bestiários, ou Livros das Bestas, eram um característico manual de pseudozoologia medieval e nele "animais e algumas espécies do mundo vegetal e mineral são descritos em referência à natureza, meio ambiente e traços comportamentais, com frequentes correspondências exemplares com os seres humanos", trazendo ensinamentos sobre a boa conduta e preceitos da moralização cristã (FONSECA, 2011, p. 31). Para tanto, são descritos animais domesticados e outros selvagens, denominados de bestas – isto é, aqueles que atacam e defendem-se com unhas e dentes. Na cultura bestiária, "todos os animais eram igualmente importantes, pois haviam sido criados por Deus, possuindo cada espécie o seu próprio desígnio estabelecido de acordo com a vontade e a onisciência do Criador" (FONSECA, 2011, p. 50).

Os ensinamentos morais e religiosos são o foco do Bestiário. Por essa razão, a representação animal colabora com a divulgação da mensagem cristã patente nesses manuais de zoologia, como pode ser observado no caso dos Dragões.

> O dragão é uma das figuras legendárias mais populares e onipresentes da literatura, do folclore, da iconografia e mesma da história política asiática contemporânea. Na tradição clássica antiga, o dragão, um monstro grande e terrível, devorava suas vítimas. Nos bestiários, o dragão é apresentado como uma serpente gigantesca que não engole a vítima mas mata-a com golpes de sua temida cauda. [...] Na tradição cristã simboliza o Diabo e as forças do Mal (WOENSEL, 2001, p. 199)

Reforçando ou recuperando a imagem religiosa medieval dessa criatura, Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 339) destacam que ela adquiriu características que levam o Dragão a ser tido como "[...] um guardião severo ou como um símbolo do mal e das tendências demoníacas", sendo identificado, neste último caso, com a serpente, o Diabo, que na iconografia católica sobre a vitória do

[10] Disponível em: http://bestiary.ca/beasts/beastgallery262.htm#. Acesso em: 30 nov. 2021.

bem contra o mal é representado nas imagens de São Miguel Arcanjo, que pisa sobre a cabeça humanizada desse animal. É importante destacar que na China o dragão, perdendo esse matiz que o relaciona ao mal, pode ser considerado o símbolo do imperador:

> O dragão é uma manifestação da onipotência imperial chinesa: a face do dragão significa a face do imperador; o andar do dragão é o porte majestoso do chefe; a pérola do dragão, que ele carrega, ao que se acredita na garganta, é o brilho indiscutível da palavra do chefe, a perfeição do seu pensamento e de suas ordens (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 350).

Entre as características apontadas por Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 339), o simbolismo do "guardião severo" é retomado em *Harry Potter e as relíquias da morte*. Na referida obra, o Dragão é um guardião de tesouros; ele protege os cofres subterrâneos de Gringotes: "Um dragão gigantesco achava-se acorrentado no chão à frente, barrando o acesso a quatro ou cinco dos cofres mais profundos do banco" (ROWLING, 2007, p. 417). Em *Harry Potter e o cálice de fogo*, os dragões também protegem uma espécie de ovo durante a prova do torneio tribuxo. E, em *Harry Potter e a pedra filosofal*, essa mesma criatura aparece, mas não cumpre nenhuma função específica, pois ainda é só um filhote. Com isso, podemos compreender que as descrições dos dragões que aparecem na saga escrita por Rowling muito se assemelham, em aspectos físicos e comportamentais, a algumas das diversas tradições mitológicas.

Unicórnio

O unicórnio aparece em dois livros da série: em *Harry Potter e a pedra filosofal*, quando adulto, e em *Harry Potter e o cálice de fogo*, quando filhote. No primeiro caso, o animal é caracterizado da seguinte maneira:

> Alguma coisa muito branca brilhava no chão. [...] Era o unicórnio, sim, e estava morto. Harry nunca vira nada tão bonito nem tão triste. As pernas longas e finas estavam esticadas em ângulos estranhos onde ele caíra e sua crina espalhava-se nacarada sobre as folhas escuras (ROWLING, 2000a, p. 220).

Mais adiante, no mesmo episódio, outras propriedades desse animal são destacadas e nos é dada uma visão mais ampla de quem é ele:

> Porque é uma coisa monstruosa matar um unicórnio. Só alguém que não tem nada a perder e tudo a ganhar cometeria um crime desses. O sangue de um unicórnio mantém a pessoa viva, mesmo quando ela está à beira da morte, mas a um preço

> terrível. Ela matou algo puro e indefeso para se salvar e só terá uma semivida, uma vida amaldiçoada, do momento que o sangue lhe tocar os lábios (ROWLING, 2000a, p. 222).

O unicórnio, nesse primeiro caso, aparece na história depois que foi morto (Figura 6) por Valdemort (um dos antípodas do personagem Harry Potter) com o intuito de que, matando o animal e bebendo seu sangue, sobrevivesse (isto é, ganhasse "uma semivida") e assim concluísse seu plano de pegar a pedra filosofal.

Figura 6. Cena de *Harry Potter e a pedra filosofal*

Fonte: (REVENSON, 2015, p. 20).

O segundo momento em que o unicórnio é representado na saga *Harry Potter* acontece em uma aula da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts sobre criaturas mágicas, na qual aparece como filhote. Nesse contexto, ele recebe a seguinte descrição: "o unicórnio era tão branco que fazia a neve ao redor parecer cinzenta. Pateava o chão nervoso com seus cascos dourados e atirava para trás a cabeça em um só chifre" (ROWLING, 2001, p. 347).

Se bem observarmos, em ambos os casos, a figuração do unicórnio está simbolicamente relacionada à beleza, à pureza e à vulnerabilidade. Scamander (2017, p. 79), complementando essas caracterizações, afirma que essa criatura

> [...] é um belo animal encontrado nas florestas do norte europeu. Quando adulto é um cavalo branco-puro, dotado de um chifre, embora seus potrinhos nasçam dourados e se tornem prateados antes de atingir a maturidade. O chifre, o sangue e o pelo do unicórnio têm propriedades excepcionalmente mágicas. Em geral ele evita contato com os humanos, deixa mais facilmente uma bruxa do que um bruxo se aproximar dele e tem patas tão ágeis que torna difícil sua captura.

Acosta (1995, p. 146, tradução nossa), em uma direção semelhante, aponta que o unicórnio, na tradição bestiária medieval, quase poderia ser considerado um animal feminino por sua graça, delicadeza e beleza. Contudo, o autor afirma que outras características, além da delicadeza, eram dominantes: o unicórnio é veloz e ágil e se trata de um

animal feroz, selvagem e cruel. Esses últimos atributos podem estar relacionados ao fato que se acreditava que ele morava em um país distante e misterioso e vivia em "bosques e montanhas inacessíveis e só podia ser visto de maneira excepcional"[11] (ACOSTA, 1995, p. 146, tradução nossa). Acosta (1995, p. 139, grifo do autor) também destaca que, segundo a descrição clássica e da maior parte dos Bestiários medievais, os unicórnios só poderiam ser capturados com a ajuda de uma donzela:

> Em todas se trata de uma virgem, e o que varia um pouco é o relacionamento do unicórnio com ela. Nos Fisiólogos o animal vem docemente e repousa a cabeça no colo da jovem. Isidoro diz que ao invés disso a jovem desnuda um seio. O animal vem e adormece em seu colo. O livro da *Propietez des Choses* fala que o unicórnio consegue sentir se a jovem é virgem e matá-la caso contrário[12].

Essa característica que Acosta (1995) salienta, a de que, para capturar o unicórnio, precisa-se de uma jovem vestida ou nua virgem (Figura 7) – do contrário, se o animal, pelo cheiro, percebesse que não era, podia matá-la –, revela como os animais estão relacionados aos comportamentos humanos – e, nesse caso, em um aspecto muito valorizado em algumas religiões, que é a virgindade. Essa representação indica a forma que a moça deve se comportar, não apenas para capturar o animal (vestindo uma túnica com os seios nus ou completamente nua (ACOSTA, 1995), como se verifica na Figura 7), mas também como um padrão espiritual feminino que foi muito comum na Idade Média.

FIGURA 7. Um unicórnio, no colo de uma mulher nua, sendo atacado por um Cavaleiro.

[11] Lê-se no original: *[...] bosques o montañas inaccesibles, y que sólo podia ser visto de manera excepcional.*

[12] Lê-se no original: *En todas se trata de una virgen, y lo que varia un poco es la relación del unicornio con ella. Em los Fisiólogos el fiero animal acude dulcemente y reposa su cabeza em el regazo de la joven. Isidoro dice en cambio que la joven lleva un seno desnudo. El animal viene y se duerme en su regazo. El Libre des Proprietez des Choses anade que el unicornio es capaz de detectar si la joven es virgen y de matarla en caso contrario.*

Fonte: British Library, Royal MS 12 F. XIII, Folio 10v.[13]

Acosta (1995, p. 146-147) destaca que o comportamento do animal pode variar de acordo com a vestimenta com a qual a moça está ao encontrá-lo: se a moça vai vestida, ele somente fica quieto em seu colo; se vai com os seios nus, ou totalmente nua, o animal pode tanto "mamar" em seus seios, como também beijá-los e deitar em seu colo, sugerindo uma forma de relação sexual entre a moça e o animal, que se comporta como se fosse seu amante. Só depois que a moça cumpre todo esse processo é que alguém, um caçador, conseguiria matar a criatura e levá-lo para o castelo (ACOSTA, 1995, p. 146-147).

Para Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 919-920), o unicórnio da era medieval é um símbolo de poder, luxo e pureza e "[...] também simboliza, com seu chifre único no meio da fronte, a flecha espiritual, o raio solar, a espada de Deus, a revelação divina, a penetração do divino na criatura". Os autores também destacam dois valores associados ao corno na testa desse animal: "o simbolismo da salvaguarda da virgindade (o chifre único levantado para o céu), e [a] fecundidade (sentido fálico do chifre)" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 919-920).

Com as descrições acima, percebemos algumas diferenças entre os unicórnios caracterizados nos livros de Rowling e os encontrados nas mitologias. Nos livros *Harry Potter*, é utilizada a versão de um animal belo, meigo, sensível e vulnerável, uma criatura mágica com um sangue valioso capaz de dar semivida a quem o bebe. E o unicórnio encontrado na mitologia é feroz e só é morto se o caçador tiver ajuda de uma donzela; seus atributos selvagens recebem relevo, o que mostra, consoante verificamos ao longo desse trabalho, que os procedimentos de representação animal estão ligados a uma reatualização que inova, acrescendo algum aspecto inédito ou, como neste caso, reforçando mais um que outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto neste trabalho, podemos compreender que os animais assumem diversas funções importantes para a experiência humana, tanto por seu uso nas atividades

[13] Disponível em: http://bestiary.ca/beasts/beast140.htm. Acesso em: 30 nov. 2021.

cotidianas (comida, vestimenta, transporte etc.) quanto por sua simbologia sustentada nos mitos e na literatura. Com as mudanças no tecido social, a relação entre o homem e os animais também vai se modificando. Porém, algo que permaneceu (quase?) inalterável é o fato de os animais serem usados como objeto de representação artística. Foram e continuam sendo utilizados na literatura, como constatamos na série *Harry Potter*, como meio de demonstrar aquilo que é propriamente do humano.

Neste trabalho, entramos em contato com um rico dialogismo intercultural proporcionado por personagens como Fofo, o Centauro, o Dragão e o Unicórnio. Esses animais fantásticos nos possibilitaram adentrar o vasto repertório de símbolos pertinentes a diversas tradições culturais, primazmente aquelas de origem greco-romana e medieval. Analisamos essas criaturas e as características nelas apresentadas, buscando estabelecer uma relação com outras formas de representação animal. Assim é que verificamos pontos de convergência e divergência entre o Fofo e o Cérbero; o Centauro da série e o da mitologia greco-romana e mediévica; o Dragão de Rowling e outros da mesma espécie em diferentes sistemas simbólicos, como o cristão; e o Unicórnio da série e o medieval.

Observamos como alguns animais têm suas características reatualizadas nos livros da série *Harry Potter*. Essas renovações não se restringem aos aspectos físicos dessas criaturas. Sua simbologia e sentido são também contextualizados segundo as necessidades de composição do enredo. Isso demostra que Rowling não se limitou a apenas suas referências, mas extrapolou e inovou, pois propõe novos caminhos de se entender a representação animal, que, por sua vez, oferecem meios de compreensão das relações que o homem estabelece com outros seres e, de modo particular, com a consciência que possui sobre si e sua existência.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Baby Siqueira. **Mitologia deusas e heróis**. São Paulo: Hunter Books, 2016.

ACOSTA. Vladimir. **Animales y imaginario**: La Zoologia Maravillosa Medieval. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Dirección de Cultura, 1995.

AGUIAR, Luiz Antônio. **Monstros mitológicos**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. Vol. 1.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números. Tradução de Vera da Costa e Silva. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na Colonização do Brasil**. Bauru, SP: Edusc, 2011.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jaboille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 15-132.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: _____ (Org.). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

REVENSON, Jody. **O livro dos personagens de Harry Potter**. Tradução de Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.

ROBBINS, Richard H. *Cutural anthropology*: a problem-based approach. 5th ed. Belmont: Wadsworth, 2009.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000a.

_____. **Harry Potter e a câmara secreta**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000b.

_____. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Tradução Lia de Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007.

_____. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

_____. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000c.

SCAMANDER, Newt. **Animais fantásticos e onde habitam**. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

SEVILLA, San Isidoro de. **Etimologías**. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

SOUZA, Edilson Alves de. *O setenário dos pecados capitais na tradição bestiária medieval*. 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

WOENSEL, Maurice Van. **Simbolismo animal medieval**: os bestiários: um safári literário à procura de animais fabulosos. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2001.